

LINGUAGEM E PODER NAS DISTOPIAS DE ORWELL E ATWOOD: CONTROLE E RESISTÊNCIA

LANGUAGE AND POWER IN THE DYSTOPIAS OF ORWELL AND ATWOOD: CONTROL AND RESISTANCE

Autor: Douglas Pettorini Santos

Orientador: Dr. Anderson Amaral de Oliveira

RESUMO

Este trabalho investiga como a linguagem opera como instrumento de dominação e também como espaço possível de resistência nas distopias *1984*, de George Orwell, e *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood. O objetivo é compreender de que maneira o discurso, o corpo, os objetos e a memória são moldados pelo poder e como esses mesmos elementos podem produzir fissuras que permitem ao sujeito afirmar sua existência mesmo sob vigilância extrema. A pesquisa adota uma abordagem comparativa e interpretativa, com base na leitura das obras e na análise de recortes que evidenciam a censura, o silenciamento, o controle da escrita, a manipulação simbólica e a colonização do pensamento. A discussão se organiza em três eixos principais: a linguagem como limite do dizer e do pensar, a materialidade do poder nos espaços e nos rituais e a resistência inscrita na escrita clandestina, na voz narrada e nas reminiscências. Os resultados mostram que, embora o controle se estenda ao corpo, à fé e ao inconsciente, a dominação nunca é completa. Nas brechas deixadas surgem gestos, palavras e reminiscências que preservam a subjetividade. Assim, a linguagem, mesmo vigiada, ainda oferece caminhos para a resistência.

Palavras-chave: Linguagem; poder; resistência; controle; memória.

ABSTRACT

This study investigates how language operates both as an instrument of domination and as a possible space of resistance in the dystopias *1984*, by George Orwell, and *The Handmaid's Tale*, by Margaret Atwood. The aim is to understand how discourse, the body, objects, and memory are shaped by power, and how these same elements can produce fissures that allow the subject to affirm their existence even under extreme surveillance. The research adopts a comparative and interpretative

approach, based on close readings of the works and on the analysis of selected passages that reveal censorship, silencing, the control of writing, symbolic manipulation, and the colonization of thought. The discussion is organized around three main axes: language as a limit to speaking and thinking, the materiality of power in spaces and rituals, and resistance inscribed in clandestine writing, narrated voice, and reminiscence. The results show that although control extends to the body, faith, and the unconscious, domination is never complete. In the gaps that remain, gestures, words, and memories emerge that preserve subjectivity. Thus, even under surveillance, language continues to offer paths for resistance.

Keywords: Language; power; resistance; control; memory.

1 INTRODUÇÃO

As distopias literárias têm sido um espaço importante para pensar as maneiras pelas quais o poder é exercido sobre os sujeitos, principalmente quando controla ou limita o acesso à linguagem. Em sociedades distópicas, como as analisadas, a palavra deixa de ser apenas meio de comunicação e passa a funcionar como instrumento político, como mecanismo de vigilância e, às vezes, como único espaço possível de resistência. Em *1984*¹, de George Orwell, a manipulação do discurso sustenta a lógica totalitária, já em *O Conto da Aia*², de Margaret Atwood, o silenciamento das mulheres e a restrição da escrita moldam a consciência e o corpo. Colocar essas obras lado a lado, a partir de uma análise comparativa, permite observar como o controle da linguagem se articula à dominação e também onde surgem as fissuras por onde a subjetividade humana tenta sobreviver.

A necessidade desse debate torna-se ainda mais evidente quando pensamos no contexto contemporâneo, marcado pela velocidade com que informações circulam, pela disputa entre versões dos fatos e pelo uso crescente de tecnologias que moldam discursos e comportamentos. Embora situadas em universos ficcionais, as obras de Orwell e Atwood permitem dialogar com discussões atuais sobre vigilância, censura, desinformação e poder, o que reforça a pertinência de analisá-las à luz das tensões que atravessam o presente.

A pergunta que orienta este estudo abre um campo amplo de reflexão literária e social: de que modo o uso da linguagem e o silenciamento contribuem para a manutenção do poder em *1984* e *O Conto da Aia*? A escolha dessas obras se justifica tanto pelo impacto literário que ainda produzem quanto pela atualidade dos temas que mobilizam. Orwell e Atwood mostram, cada um à sua maneira, que palavras, gestos, rituais e imagens podem ser convertidos em dispositivos de obediência, embora também criem brechas de resistência. Examinar esses mecanismos ajuda a compreender como a ficção aborda questões que continuam presentes no debate público, como censura, vigilância, liberdade de expressão e a

¹ ORWELL, George. 1984. Tradução de Karla Lima. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

² ATWOOD, Margaret. O conto da aia. Tradução de Ana Deiró. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

fragilidade da experiência humana diante da opressão. Além disso, o tema dialoga diretamente com a formação de leitores críticos e de professores, pois evidencia como a linguagem influencia o modo como percebemos o mundo e construímos nossa própria subjetividade.

Ambas as obras analisadas contam com uma vasta fortuna crítica, sendo frequentemente abordadas em estudos que discutem totalitarismo, vigilância, ideologia, controle social e, no caso de *O Conto da Aia*, as relações de gênero e o domínio do corpo feminino. *1984* é amplamente interpretado como uma crítica aos regimes totalitários e à manipulação da linguagem como forma de controle da realidade, enquanto a obra de Atwood tem sido lida a partir de perspectivas feministas, políticas e discursivas, que evidenciam a articulação entre religião, poder e silenciamento. No entanto, observa-se que predominam análises isoladas de cada romance, sendo menos frequentes os estudos que propõem uma leitura comparativa entre as duas obras, especialmente a partir de uma abordagem centrada na linguagem como mecanismo de poder e, simultaneamente, como espaço possível de resistência. Nesse sentido, este trabalho busca dialogar com essa tradição crítica, contribuindo com uma análise comparativa que evidencia aproximações e tensões entre as duas distopias.

Publicado originalmente entre 1948 e 1949, *1984* surge em um contexto marcado pelos impactos da Segunda Guerra Mundial, pela consolidação de regimes totalitários e pelo fortalecimento dos aparatos estatais de vigilância e propaganda. Já *O Conto da Aia*, publicado em 1985, dialoga com o avanço de discursos conservadores, com o uso político da religião e com debates em torno dos direitos das mulheres no final do século XX. Embora situadas em momentos históricos distintos, ambas as obras constroem universos ficcionais que refletem tensões reais de seus contextos de produção, evidenciando como o controle da linguagem, do corpo e da memória se torna uma estratégia central de dominação.

O objetivo geral deste trabalho é analisar, de forma comparativa, como ocorre o exercício de poder e a resistência por meio da linguagem nas duas obras. De maneira mais específica, busca-se compreender como a linguagem escrita, a linguagem não verbal e simbólica, o inconsciente e a memória são usados como mecanismos de controle, e também como esses mesmos elementos se convertem em formas de resistência nas narrativas de Orwell e Atwood. Dessa forma,

considera-se tanto o apagamento da palavra quanto os seus usos clandestinos, que devolvem ao sujeito algum gesto de sobrevivência.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, bibliográfica e comparativa e apoia-se em Silva (2021), que entende a leitura crítica como forma de investigação e formação. Essa perspectiva sustenta a análise comparativa das duas distopias, permitindo observar como a linguagem organiza relações de poder e produz espaços de resistência. A análise das obras é orientada por leitura crítica e interpretativa, apoiada em autores como Saussure³, Bergson⁴, Foucault⁵ e Antonio Candido⁶, cujas reflexões sobre discurso, significação e humanização da literatura ajudam a aprofundar a relação entre linguagem e poder nos textos estudados. O trabalho toma como eixo a ligação entre discurso e subjetividade, observando cenas em que a linguagem revela tensão, controle ou ruptura.

A estrutura deste artigo organiza-se em duas partes. A primeira discute os mecanismos de controle da linguagem, considerando sua materialidade, seus usos religiosos e sua atuação sobre o corpo. A segunda parte analisa as formas de resistência que surgem pela escrita, pela linguagem simbólica, pela memória e pelo inconsciente, destacando como mesmo vigiados, Offred e Winston encontram modos de significar e ressignificar o mundo em que vivem. Por fim, apresentam-se as considerações finais, que retomam a discussão sobre linguagem, poder e subjetividade e reforçam o poder da literatura na compreensão dos limites e possibilidades da experiência humana.

2 MECANISMOS DE CONTROLE

As duas obras que são objeto de análise neste trabalho, *1984*, de George Orwell, e *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, apresentam universos distópicos distintos, mas atravessados por mecanismos semelhantes de controle social. A seguir, apresenta-se uma contextualização das narrativas, com o objetivo de situar o

³ SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

⁴ BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁵ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

⁶ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

leitor antes da análise dos modos pelos quais a linguagem, o corpo e a memória operam como instrumentos de poder e resistência.

A narrativa de *1984* acompanha Winston Smith, funcionário do Ministério da Verdade, cuja tarefa é modificar notícias, documentos e fotografias para que estejam sempre de acordo com as versões oficiais do Partido. A Oceânia vive sob vigilância permanente, e a presença do Grande Irmão organiza tanto o espaço público quanto o íntimo. A teletela observa, a Polícia do Pensamento fiscaliza gestos e expressões, e a Novilíngua reduz o vocabulário para limitar a capacidade de formular ideias críticas. Nesse cenário, a memória torna-se instável, pois tudo pode ser reescrito e todo passado pode ser apagado.

O cotidiano de Winston é marcado pela sensação de estranhamento e pela dúvida constante sobre o que realmente existiu. Ele guarda fragmentos de lembranças da infância e da mãe, mas nunca sabe se são verdadeiros ou apenas restos de algo que o Partido não conseguiu apagar. O encontro com Júlia desperta nele a esperança de uma vida que recupere o corpo, o prazer e o desejo, dimensões que o regime tenta neutralizar. A relação entre os dois se torna forma de resistência, mesmo que silenciosa, e revela o quanto o controle não se dá apenas pela violência, mas também pela manipulação das emoções e da linguagem.

Conforme avança na rebelião intimista, Winston passa a perceber que o enfrentamento ao Partido exige não apenas atos concretos, mas a preservação da própria capacidade de pensar e recordar. A luta pela palavra e pela memória se torna o centro da narrativa, pois é nela que reside o conflito entre submissão e liberdade. A trajetória de Winston evidencia a fragilidade do humano diante de um sistema totalitário e sugere que o controle da consciência é o estágio mais profundo da dominação.

Em *O Conto da Aia*, Atwood apresenta Gilead, uma teocracia que reorganiza a sociedade a partir da infertilidade generalizada. Offred, narradora da obra, é uma Aia designada para gerar filhos para a elite, vivendo sob vigilância constante e obedecendo a regras que definem desde suas roupas até seus movimentos. A leitura e a escrita são proibidas às mulheres, e cada objeto do cotidiano carrega marcas de controle. As lojas têm símbolos em vez de nomes, as ruas são

patrulhadas por Guardiões, e a vida doméstica é regulada por rituais religiosos que legitimam a subordinação feminina.

Entre lembranças do passado e observações do presente, Offred tenta reconstruir sua identidade. Ela recorda a filha, o marido, o trabalho e a vida anterior ao regime, percebendo como Gilead transformou tudo aquilo que antes parecia natural. Suas memórias surgem em fragmentos, interrompidas por medo ou por dúvidas sobre sua exatidão. A Cerimônia, ritual sexual imposto às Aias, exemplifica como o corpo feminino é apropriado pelo Estado e tratado como instrumento de reprodução, esvaziando o desejo e sacralizando a disciplina.

A linguagem se torna o centro de sua resistência. Offred narra mentalmente aquilo que não pode escrever, fala consigo mesma como tentativa de preservar o nome que perdeu e encontra nas palavras escondidas no quarto uma forma de contato com outras mulheres que também tentaram resistir. Sua voz fragmentada expõe a tensão entre silêncio e memória, revelando que, mesmo em um sistema destinado a apagar o sujeito, ainda resta a possibilidade de significar o mundo. Atwood constrói assim uma reflexão sobre poder, corpo e linguagem que dialoga diretamente com as formas de dominação presentes em *1984*.

Nas duas obras, a dominação não se sustenta apenas em leis explícitas. Ela se infiltra nos objetos, nas palavras, nos gestos e nos espaços que os personagens habitam. Tanto em Orwell quanto em Atwood, o controle acontece de modo silencioso e contínuo, moldando a percepção e o comportamento antes mesmo que qualquer ato seja realizado. O poder ocupa a matéria do mundo e transforma o cotidiano em instrumento de vigilância, disciplinando corpos e regulando crenças.

Esses mecanismos aparecem nas tecnologias, nos rituais, nas práticas religiosas, nas roupas e nas regras que definem quem pode falar, ler, circular ou desejar. São formas de controle que atravessam o discurso e alcançam a interioridade dos sujeitos, dissolvendo a fronteira entre vida privada e ordem pública. Ao analisar esses elementos, é possível perceber como cada sociedade distópica constrói sua própria lógica de submissão e organiza a experiência humana segundo um Estado que pretende ser absoluto.

2.1 LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE DOMINAÇÃO

A linguagem nas distopias analisadas não é apenas um meio de comunicação, ela significa poder e é um mecanismo central no controle político. Nelas, o Estado impõe limites ao discurso⁷, o vocabulário é restringido e os modos de interação são regulados, dessa forma, o pensar e o agir são moldados. A dominação linguística também funciona como vigilância simbólica⁸, interferindo na subjetividade e na construção da identidade individual e coletiva.

Em Atwood, Gilead controla a maneira com a qual as mulheres podem se expressar, Offred entende que um 'não' pode ser contraditório ou perigoso. Como em conversa com a esposa do comandante: "Quero ver você o mínimo possível", disse ela. Espero que se porte da mesma forma com relação a mim. Eu não respondi, uma vez que um sim teria sido insultuoso, um não, contraditório." (ATWOOD, 2021, p. 27). A palavra aqui não é um espaço de liberdade, mas sim um território vigiado, ela não pode dar uma resposta autêntica, apenas reproduzir o que esperam dela. Nesse caso, Offred fica em silêncio, que não é apenas ausência de fala, mas um ato imposto pelo poder decorrente da limitação do discurso.

Essa estratégia de silenciamento é reforçada pela proibição da leitura e da escrita. Quando Offred observa uma almofada com a palavra "Fé", ela reflete sobre como um objeto simples pode se tornar fonte de perigo, já que até o ato de ler é restrito às mulheres. Mais tarde, ela comenta que conta sua história em vez de escrevê-la, pois não possui materiais para isso e, de todo modo, a escrita é proibida. A leitura e a palavra escrita tornam-se instrumentos de poder controlados pelo Estado e negados às mulheres.

Isso pode ser entendido como uma forma de violência simbólica. Candido (1995) observa que a literatura compreendida em sentido amplo, é uma necessidade universal e um direito que confirma o homem em sua humanidade, pois permite o exercício da reflexão e da sensibilidade. Quando esse acesso é negado, o que se suprime não é apenas o ato de ler, mas a própria possibilidade de humanização. O silêncio de Offred e o isolamento de Winston revelam essa perda, pois ambos são

⁷Para Foucault, o discurso é regulado por procedimentos que definem quem pode falar e o que pode ser dito. (FOUCAULT, 1996)

⁸ Candido afirma que as formas simbólicas regulam a vida social e moldam a percepção, podendo confirmar ou negar valores (CANDIDO, 1995). Nesse sentido, controlar a linguagem implica vigiar subjetividades.

impedidos de fabular, de construir narrativas que lhes devolvam o sentido de existir. A retirada da palavra escrita opera como uma espécie de mutilação simbólica⁹.

Esse processo fica claro na cena em que o Comandante chama Offred para jogar Scrabble. A escrita volta ali de forma escondida, quase improvisada, e isso já basta para mostrar o quanto ela e as demais mulheres são controladas em Gilead. O jogo parece simples, mas o fato de ser proibido muda tudo e cria uma tensão que atravessa o momento. A situação ganha um tipo de energia, algo entre nervosismo e curiosidade. Nesse contexto, as palavras começam a funcionar como um fetiche, porque carregam um poder que não deveria circular. O interesse do Comandante não se dirige apenas ao corpo da Aia, ele quer ver o ato da escrita que o regime tenta coibir. A cena mostra como a linguagem, mesmo reduzida ao mínimo, pode ser transformada em objeto de desejo e controle.

Outro exemplo marcante do uso da linguagem como forma de dominação em *O Conto da Aia* aparece no Testemunho de Janine. Nesse momento, as mulheres são obrigadas a confessar publicamente suas faltas diante das outras, enquanto o grupo repete em coro as palavras das Tias¹⁰. Ao relatar um estupro sofrido aos quatorze anos, Janine é forçada a ouvir as demais responderem: “Dela, foi dela, foi dela. Quem os seduziu? Ela seduziu. Ela seduziu. Ela seduziu.” (ATWOOD, 2021, p. 92). O uso repetitivo da fala transforma a confissão em doutrinação, apagando o sentido da dor e convertendo a violência em lição moral. A linguagem perde seu caráter de expressão individual e passa a reforçar a culpa coletiva, reproduzindo o discurso do poder.

O Testemunho representa o ponto extremo do silenciamento simbólico. Falar já não significa pensar, mas apenas repetir. A voz individual desaparece no coro das demais, e o ato de fala se torna uma confirmação da autoridade. Ao internalizar esse discurso, as mulheres passam a reproduzir a lógica de Gilead, tornando-se, participantes da própria opressão. Atwood mostra que controlar a palavra é controlar também o corpo e a consciência, pois o domínio mais eficaz é aquele que se faz parecer natural.

⁹ Para Candido, negar o acesso às formas simbólicas constitui uma “mutilação”, pois suprime a imaginação e a reflexão essenciais à experiência humana (CANDIDO, 1995).

¹⁰ Aunts: mulheres encarregadas de doutrinar e disciplinar as Aias, legitimando religiosamente a ordem de Gilead. (ATWOOD, 2021)

Na obra *1984*, de Orwell, a linguagem também é uma ferramenta essencial para o controle do discurso. O simples ato de comprar o diário já representa uma transgressão. Winston escolhe um objeto bonito, antigo, inútil dentro da lógica do Partido. Ao adquiri-lo, ele comete um crime, de desejar registrar o próprio pensamento. O diário é um espaço de linguagem e memória, e por isso é perigoso. Antes mesmo de escrever, Winston já carregava o peso da culpa por ter adquirido algo que permite pensar livremente.

Nesse cenário, o simples ato de possuir um diário, mesmo em branco, é considerado perigoso. “Mesmo não havendo nada escrito, era uma posse comprometedora (...) se fosse descoberto, seria com razoável grau de certeza punido com a morte” ORWELL, 2021, p. 14). Assim como em *O Conto da Aia*, nota-se que a palavra escrita é vigiada e criminalizada, impedindo qualquer forma de subjetividade.

Outro aspecto importante desse controle é o projeto da Novilíngua¹¹. O Partido trabalha para reduzir o número de palavras e assim, restringir a capacidade de pensar. Syme, colega de Winston no Departamento de Pesquisa, dedica-se à nova edição do dicionário com bastante entusiasmo. Ele explica que cada versão elimina termos e sinônimos considerados desnecessários, tornando o pensamento cada vez mais limitado. Nesse sentido, Saussure traz que o valor de cada palavra depende das diferenças que mantém com as demais (SAUSSURE, 2006), portanto reduzir o vocabulário é destruir essas relações e limitar as infinitas possibilidades do pensamento. Essa destruição é vista como um avanço e o objetivo do Partido é chegar a um ponto em que o crime de pensamento se torne impossível, já que não haveria mais palavras para expressá-lo. Winston observa o entusiasmo de Syme e compreende o perigo dessa lógica.

O apagamento do vocabulário deixa de ser apenas uma mudança na língua e se torna um instrumento político. Controlar o significado das palavras é controlar a forma como o mundo pode ser pensado. Mais tarde, o desaparecimento de Syme confirma essa lógica, que torna-se uma “despessoa¹²”. Quem compreende demais o poder da linguagem acaba sendo eliminado e sua ausência simboliza o destino de

¹¹ Newspeak: Idioma criado pelo Partido para reduzir o vocabulário e limitar o pensamento crítico. (ORWELL, 2021)

¹² Unperson: indivíduo apagado da história e dos registros oficiais pelo Partido, como se nunca tivesse existido. (ORWELL, 2021)

todos aqueles que percebem o quanto o poder depende das palavras que sobrevivem.

O Partido regula o que pode ser dito e, ao fazê-lo, mina a capacidade do indivíduo de formular seus próprios pensamentos. Conforme aponta Foucault, o poder não atua apenas pela repressão direta, mas pela organização dos discursos possíveis, restringindo as posições de sujeito e tornando certos enunciados raros ou perigosos (FOUCAULT, 1996). Em 1984, essa lógica se manifesta de forma concreta quando Winston inicia seu diário e percebe que não consegue organizar suas ideias com clareza. “Ele parecia ter não apenas perdido a capacidade de se expressar, mas também havia esquecido até mesmo o que originalmente pretendia dizer” (ORWELL, 2021, p. 15). A dificuldade de Winston não é apenas individual ou psicológica, mas resultado de um regime discursivo que limita o pensável antes mesmo do dizível. O controle da linguagem, nesse sentido, produz sujeitos incapazes de articular discursos próprios, instaurando o silenciamento como efeito estrutural do poder.

O Ministério da Verdade representa a materialização do controle da linguagem em nível institucional. Sua função ultrapassa a simples manipulação de registros, ele fabrica o próprio tempo. Ao reescrever notícias, destruir arquivos e alterar fotografias, o Partido não apenas distorce os fatos, mas redefine o que é possível lembrar. O passado deixa de existir como experiência e passa a ser produto. Winston vive o conflito entre o que sabe e o que é obrigado a negar. Sua tarefa o coloca diante da fronteira entre o real e o discurso, onde cada palavra apagada é também uma lembrança perdida. O Ministério da Verdade é o lugar onde o poder se torna literal, onde a mentira se organiza com método e o silêncio é construído como forma de verdade.

Enquanto em Gilead a escrita pertence quase exclusivamente aos homens e as mulheres são mantidas à margem do discurso, na Oceânia de Orwell a própria língua é encolhida, limitada, como se cada palavra retirada fosse também um pedaço de pensamento arrancado. O controle sobre a linguagem se transforma em controle sobre a consciência. Assim, nas duas sociedades, falar ou escrever não é apenas difícil, mas perigoso. A dominação linguística funciona como uma forma de poder que define o que pode ou não existir no mundo das ideias.

Winston entende que, mesmo que não escrevesse uma única palavra, já estaria condenado: “Se escrevesse ABAIXO O GRANDE IRMÃO ou se se abstivesse de escrever. A Polícia do Pensamento iria pegá-lo do mesmo jeito. Ele havia cometido (...) Pensamento-crime¹³ (ORWELL, 2021, p. 26). Nesse ponto, não há apenas a fiscalização constante da linguagem, o controle atinge a mente antes que existam palavras no papel.

2.2 MATERIALIDADE DO PODER: OBJETOS, ESPAÇOS E RITUAIS

Nas distopias de Orwell e Atwood, o poder não se manifesta apenas por leis ou ordens diretas. Ele se inscreve na matéria do cotidiano e ocupa os objetos, os espaços, os corpos e os rituais que moldam a percepção dos sujeitos. Em *1984*, a teletela é o símbolo mais evidente dessa presença constante. Embora pudesse ser pausada, jamais podia ser desligada completamente, o que significa que a escuta e a observação pelo Estado eram contínuas. “Você era obrigado a viver (e realmente vivia, pois o hábito tornara instinto) supondo que cada ruído que fizesse seria ouvido, e todo movimento, rastreado, menos na escuridão.” (ORWELL, 2021, p. 10). Assim, ela não precisava estar ativa o tempo todo para funcionar, pois bastava a consciência de que podia estar. O aparelho transforma qualquer cômodo em extensão do Estado, e os cidadãos vivem supondo que cada ruído pode ser ouvido e cada movimento rastreado. A vigilância ultrapassa a técnica. Quando a mulher na teletela ordena que Winston se curve mais e afirma que “um único brilho nos olhos poderia delatar você” (ORWELL, 2021, p. 44), o corpo se torna linguagem suspeita. Winston aprende a esconder o rosto, conter o olhar e fingir neutralidade. O silêncio físico passa a ser condição de sobrevivência.

Mais do que instrumento de vigilância, a teletela cria um sujeito que se observa antes mesmo de agir. A obediência se torna automática, pois a dúvida é percebida como perigo. Outro símbolo importante dessa presença contínua é o retrato do Grande Irmão. A imagem do líder está espalhada por escolas, ruas e casas e funciona como um lembrete constante de que o poder nunca se ausenta. Winston observa a figura e sente que o olhar parece atravessar o papel, como uma força que tenta penetrar sua mente e reorganizar suas crenças internas: “Os olhos

¹³ Thought-Crime: Qualquer pensamento contrário ao Partido, punido mesmo sem ser expresso. (ORWELL, 2021)

hipnóticos encararam os dele. Era como se uma força imensa o reprimisse, algo que penetrava seu crânio, esmurrava seu cérebro e o amedrontava com suas próprias crenças, convencendo-o quase a negar as evidências dos seus sentidos.” (ORWELL, 2021, p. 89). Assim, a imagem deixa de ser apenas ícone político e passa a ser presença psíquica.

A presença estatal em 1984 também se manifesta na forma como a violência é naturalizada e transformada em espetáculo. As execuções públicas integram o cotidiano, e até crianças demonstram curiosidade em assistir a elas, como se fossem eventos comuns. Esse tipo de ritual reafirma o domínio do Partido e ensina o medo desde cedo, convertendo a punição em instrumento de manutenção da ordem.

Enquanto em 1984 o poder se manifesta por meio da tecnologia e da imagem de um líder absoluto, em *O Conto da Aia* essa presença assume formas igualmente simbólicas. Em Gilead, o controle está gravado nos espaços e nos objetos, que passam a refletir a ordem imposta pelo regime. As ruas, as lojas e as casas tornam-se extensões do Estado, moldadas para reforçar a obediência. Um exemplo evidente surge quando os nomes das lojas são apagados e substituídos por figuras. Offred relata: “(...) onde o nome inscrito foi apagado, repintado e coberto de tinta, quando decidiram que mesmo os nomes de lojas eram tentação demais para nós. Agora os lugares são conhecidos pelas figuras desenhadas.” (ATWOOD, 2021, p. 39). Ao substituir palavras por imagens, o regime reduz a linguagem e, com ela, o pensamento. O cenário urbano torna-se lembrete constante da vigilância, pois até o simples ato de olhar uma placa carrega a marca da censura.

Antonio Candido (1995) observa que a literatura pode confirmar, negar, propor e denunciar, apoiar e combater. Essa força crítica é exatamente aquilo que os regimes totalitários tentam neutralizar. Leis, lemas, orações e rituais são elaborados para reduzir a potência simbólica da linguagem e convertê-la em instrumento de docilização. Quando o poder controla o signo, redefine a obediência como virtude e apaga a dimensão crítica da vida coletiva.

O mesmo poder simbólico aparece no Muro, uma das construções mais marcantes de Gilead. Antigo e restaurado, ele é reforçado com holofotes, arame farpado e sentinelas. O Muro separa o permitido do proibido e transforma o medo em parte da rotina. Ele é mais do que barreira física. É advertência permanente. O

corpo pendurado ali funciona como signo visual que reafirma a autoridade do regime.

A presença simbólica também aparece na queima de livros e revistas. Offred recorda o instante em que atirou uma revista nas chamas: “Atirei a revista nas chamas. As folhas cascatearam com o sopro de sua própria combustão, grandes flocos de papel se soltaram, voaram no ar, ainda em chamas, partes de corpo de mulheres transformando-se em cinza negra no ar, diante dos meus olhos.” (ATWOOD, 2021, p. 58). O fogo não apenas destrói papel, mas apaga histórias, desejos e identidades. Cada objeto queimado reescreve simbolicamente o mundo e impõe um novo começo sobre as cinzas.

Dentro desse cenário físico controlado, o corpo adquire papel central. Em Gilead, as roupas são marcas visíveis de identidade e função social. As Aias¹⁴ vestem vermelho, cor associada ao sangue e à fertilidade. As Esposas usam azul, que sugere pureza e autoridade. As Marthas¹⁵ aparecem em verde, vinculado ao trabalho doméstico. Essa padronização elimina a individualidade e torna cada corpo legível e classificável. Tia Lídia explica essa lógica ao afirmar que existem dois tipos de liberdade, a liberdade para e a liberdade de. O regime oferece apenas a segunda, travestida de proteção. Assim, o controle das roupas redefine não apenas o corpo, mas o próprio significado da liberdade.

O contraste com as turistas estrangeiras reforça essa função simbólica. Offred observa mulheres japonesas com espanto: “Estamos fascinadas, mas ao mesmo tempo sentimos repulsa. Elas parecem despidas. Foi preciso tão pouco tempo para mudar nossas ideias a respeito de coisas como essa.” (ATWOOD, 2021, p. 43). A cena revela como o regime reorganiza o olhar e transforma o pudor em prática de controle.

As roupas também cumprem função moralizante. Vale retomar que quando Janine relata ter sido estuprada, as mulheres afirmam que a culpa é dela, que provocou o homem (ATWOOD, 2021). Nesse contexto, o corpo feminino é tratado como símbolo de pecado. A vigilância não é apenas estatal, mas reproduzida pelas próprias mulheres, que internalizam as regras e as tratam como naturais.

¹⁴ Handmaids: são mulheres férteis submetidas ao regime de Gilead e destinadas exclusivamente à reprodução, ocupando uma posição subordinada e controlada dentro da hierarquia social.

¹⁵ Marthas: mulheres encarregadas do trabalho doméstico e da manutenção das casas em Gilead. (ATWOOD, 2021)

Em 1984, o vestuário cumpre função semelhante. Os uniformes do Partido são simples, apagados e reforçam a ideia de igualdade. Eles eliminam traços individuais e marcam fronteiras entre quem pertence ao Partido e quem vive fora dele. Assim como em Gilead, o corpo vestido se torna linguagem política.

Os rituais completam essa presença material do poder. Na Oceânia, o evento Dois Minutos de Ódio¹⁶ reúne as pessoas diante da teletela para gritar contra a imagem de Emmanuel Goldstein, um suposto traidor primordial. A raiva coletiva reforça a união em torno do Partido e transforma o ódio em obediência. Goldstein, que talvez nem exista, funciona como inimigo simbólico criado para canalizar frustrações e impedir qualquer reflexão crítica. Os lemas “Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão, Ignorância é Força” são repetidos tantas vezes que deixam de causar estranhamento. Winston percebe a contradição, mas não consegue formulá-la em pensamento. A dúvida permanece como sensação isolada.

O mesmo ocorre com produtos que carregam o nome Vitória, como Gim Vitória, Cigarros Vitória e Mansões Vitória. Eles criam sensação de prosperidade em meio à pobreza, misturando ideologia e rotina até que tudo pareça parte natural da realidade. A repetição desse nome transforma objetos banais em lembretes da presença do Partido, reforçando a narrativa de triunfo constante e apagando qualquer percepção de escassez ou fracasso. Assim, a propaganda se infiltra discretamente na vida material, moldando o modo como os sujeitos veem e interpretam o próprio cotidiano.

Assim, tanto em 1984 quanto em *O Conto da Aia*, objetos, espaços, roupas e rituais funcionam como extensões do domínio político. O poder deixa de ser comando verbal e passa a habitar a matéria do mundo. A dominação se torna rotina sensível. É nesse ambiente cheio de símbolos, objetos e vigilância que a subjetividade é moldada. O poder não fala apenas pelas palavras, mas por tudo aquilo que se vê, se toca e se repete todos os dias.

Se antes o corpo aparecia como matéria vigiada, agora ele surge como território moral. A dominação deixa de atuar apenas no gesto e passa a alcançar a fé, o desejo e a sexualidade reprimida. É nesse plano simbólico que o poder se torna mais íntimo, como destacado a seguir.

¹⁶ Two Minutes Hate: ritual diário em que cidadãos assistem à imagem do inimigo simbólico e expressam ódio coletivo. (ORWELL, 2021)

2.3 FÉ E CORPO: A LINGUAGEM DO PODER RELIGIOSO E SEXUAL

A dominação nas distopias de Orwell e Atwood não se limita à política ou vigilância. Ela se infiltra nas esferas mais íntimas, transformando a fé e o corpo em instrumentos de poder. A religião e o sexo, que poderiam representar liberdade e criação, passam a servir à manutenção da ordem e da obediência. A fé deixa de ser experiência espiritual e se torna linguagem disciplinadora, enquanto o ato sexual se converte em dever moral para com o partido ou com o Estado.

Em *O Conto da Aia*, a religião é usada como justificativa para o controle do corpo feminino. As Tias, responsáveis pela doutrinação das Aias, repetem passagens bíblicas para legitimar a punição e o sofrimento. Offred recorda Tia Lídia dizendo que é preciso “amar o pecador e odiar o pecado” (ATWOOD, 2021, p. 133)., frase usada para encobrir a violência sob aparência de compaixão. O discurso religioso transforma a dor em penitência e o castigo em redenção, apagando os limites entre fé e opressão.

O poder espiritual também é monopolizado pelo Estado. O Comandante guarda a Bíblia trancada em uma caixa, inacessível às mulheres. Nesse momento, Offred percebe que isso ocorre da “mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem” (ATWOOD, 2021, p. 120). A metáfora mostra que o texto sagrado, assim como a palavra escrita, foi confiscado. Apenas os homens podem interpretá-lo, e sua leitura se torna um privilégio de autoridade. A fé, que antes era coletiva, torna-se propriedade privada e política.

A Cerimônia sexual em *O Conto da Aia* configura-se como um ritual simultaneamente religioso e estatal, legitimado pelo discurso da fertilidade e da vontade divina. No entanto, não há espaço para desejo ou intimidade. O corpo da mulher é reduzido à função de gerar filhos para o regime, sendo tratado como instrumento de reprodução e obediência. Offred descreve o momento como uma cena silenciosa e mecânica, em que todos olham para o teto enquanto o Comandante cumpre sua função: “Ele entra, faz o que tem que fazer, e nós olhamos para o teto (...) Serena Joy fica deitada de costas, imóvel, como uma morta” (ATWOOD, 2021, p. 121). O gesto é apresentado como sagrado apenas na aparência, pois o que se consagra, de fato, é o poder do Estado sobre o corpo e a subjetividade feminina. O sexo é esvaziado de prazer e significado individual,

convertendo-se em um culto à obediência e à disciplina, no qual a mulher se torna corpo sem vontade própria.

Na obra de Orwell, o controle sobre o corpo segue a mesma lógica. O Partido elimina o prazer porque o considera perigoso. Julia, ao lembrar sua juventude, afirma que “o Partido faz de tudo para evitar que você se divirta” (ORWELL, 2021, p. 151). O prazer ameaça o poder porque cria vínculos e desperta afetos que não podem ser fiscalizados. O sexo livre é visto como crime, pois implica autonomia.

A Pornodiv, divisão encarregada de produzir pornografia para os proletas, mostra que o Estado não elimina o desejo, mas o canaliza. “Todos os trabalhadores da Pornodiv, exceto o chefe da divisão, eram moças e os homens (...) corriam maior risco de ser corrompidos pelo lixo com que lidavam” (ORWELL, 2021, p. 141). O prazer é permitido apenas sob controle, como produto e ilusão. Assim como a fé em *O Conto da Aia*, o desejo é administrado e convertido em instrumento de dominação.

No entanto, é justamente no corpo que Winston e Julia encontram uma forma de resistência. O encontro entre os dois, descrito como “um ato político” (ORWELL, 2021), rompe temporariamente o controle do Partido sobre seus corpos. O sexo, nesse contexto, é mais do que físico, é uma afirmação de identidade, memória e liberdade. O prazer torna-se subversão, gesto simbólico que recupera a humanidade perdida e desafia a tentativa do Estado de disciplinar o desejo.

Nas duas obras, o poder utiliza a fé e o corpo como formas de linguagem simbólica. A religião oferece uma gramática moral para o medo, que é a sexualidade, uma disciplina para o desejo. Ambas moldam a subjetividade, transformando culpa e pureza em instrumentos de obediência. O Estado ocupa o lugar do sagrado e transforma o prazer em pecado e a fé em submissão.

3 A RESISTÊNCIA POR MEIO DA LINGUAGEM

Em ambas as obras, a linguagem se torna um dos poucos espaços possíveis de resistência. Diante de sistemas que controlam o discurso, a escrita, o corpo e até o pensamento, os sujeitos encontram brechas para afirmar a própria existência. Winston desafia o regime ao escrever, sonhar e lembrar, enquanto Offred resiste ao narrar, ainda que sua voz se mostre fragmentada e incerta. Nessas narrativas, a rebeldia não está em grandes atos, mas em gestos mínimos de enunciação,

palavras ditas, lembradas ou silenciadas que preservam a memória e revelam as fissuras do poder.

3.1 O REGISTRO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

A linguagem escrita e as gravação surgem como expressões poderosas de resistência. No mundo controlado de Gilead, onde a leitura e a escrita são proibidas às mulheres, qualquer palavra gravada adquire um valor simbólico profundo. A inscrição *Nolite te bastardes carborundorum*¹⁷, encontrada por Offred no quarto onde ela dorme, representa a sobrevivência de uma voz anterior e uma mensagem deixada por outra mulher, talvez outra Aia. Mesmo sem compreender o significado literal da frase, ela transforma aquelas palavras em fonte de força e consolo. O simples ato de reconhecê-las como mensagem é um modo de responder a uma presença invisível e de afirmar que ainda existe comunicação e memória em um espaço projetado para o silêncio. Essa escrita clandestina se torna uma enunciação silenciosa, um diálogo que atravessa o tempo e resiste ao apagamento.

Sem acesso a papel ou caneta, Offred encontra na oralidade outra forma de escrita. Ao afirmar que “contar é como escrever, só que com a voz”, ela usa a palavra como testemunho. Mesmo sem saber para quem, ela escrevia, talvez como tentativa de preservar a própria identidade. Falar consigo mesma é uma maneira de continuar sendo e de não deixar que o silêncio do regime a transforme em coisa. A narrativa que constrói mentalmente funciona como registro e resistência, pois mantém acesa a possibilidade de significar o mundo. O ato de narrar é uma escrita invisível feita da necessidade de permanecer viva pela linguagem. Nesse gesto, a voz substitui o texto e tanto a memória quanto o gravador se tornam o papel onde ela inscreve sua existência.

Então, Offred descobre o verdadeiro sentido da frase em latim e percebe que a origem daquelas palavras pouco importa. O que era uma brincadeira escolar segundo comandante e seus colegas, se transformou em uma espécie de oração e lembrança. O poder da linguagem não está na sua origem, mas na capacidade de quem a usa para criar novos sentidos. Ao reinterpretar a frase, Offred retoma para si o controle sobre o discurso e ressignifica o que o sistema tentou esvaziar, a palavra

¹⁷ Frase em latim fictício que pode ser traduzida livremente como “Não deixe que os bastardos o esmaguem”.

ganha novo valor por meio de sua apropriação. Esse gesto mostra que a resistência também se constrói pela reescrita e pela interpretação, quando o sujeito escolhe o que as palavras significam.

Quando Winston compra o caderno no antiquário, ele realiza um gesto simples, mas profundamente subversivo. O objeto simboliza a recuperação de algo esquecido e proibido. Escrever é perigoso, mas também é o único modo de afirmar a própria individualidade em um sistema que busca apagar toda memória pessoal. O impulso que o leva a comprar o caderno revela um desejo humano de preservar a experiência e o pensamento fora do controle do Partido.

Ao começar a escrever, ele percebe a gravidade de seu ato. O movimento de mergulhar a pena na tinta e marcar o papel é uma decisão que o separa do silêncio imposto. A frase “ABAIXO O GRANDE IRMÃO” nasce como uma explosão de consciência e uma tentativa de devolver sentido às palavras. Nesse instante a escrita deixa de ser um simples registro e se torna ato de libertação. Mesmo sabendo que o gesto pode levá-lo à morte ele continua, porque escrever é uma forma de pensar livremente. O diário se converte em abrigo, como um espaço onde ele pode existir sem a vigilância do Estado.

Escrever é um gesto de rebeldia e também de preservação do eu, pois ao registrar o que pensa ele reafirma sua individualidade diante da coletividade opressora. Em *O conto da Aia*, a escrita é substituída pela narração, Offred não escreve, mas conta, grava e deixa rastros de sua voz como quem se recusa a desaparecer.

Em ambos os casos, a linguagem torna-se o instrumento mais íntimo de resistência, nesse sentido, Candido (1995) considera que nenhuma sociedade pode manter equilíbrio sem o “sonho acordado das civilizações”, que ele entende como indispensável à vida psíquica e social. As gravações de Offred e o diário de Winston materializam essa necessidade de fabulação, de transformar a dor em narrativa. O ato de narrar é uma tentativa de restaurar a imaginação que o poder tentou silenciar. A memória, o registro e a voz gravada tornam-se meios de reconstruir o humano, aquilo que Candido (1995) reconhece como o direito essencial de sonhar e de dar forma ao caos interior.

Em meio à repressão, o desejo de discurso¹⁸ sobrevive. Offred anseia por qualquer fragmento de palavra, por uma notícia que a conecte ao mundo, ainda que não saiba se é verdadeira. O simples ato de ouvir ou imaginar um relato já preenche o vazio deixado pelo silêncio. Foucault (1996, p. 6) observa que “o discurso não é simplesmente o que manifesta ou esconde o desejo, é também aquilo que é objeto do desejo”. A palavra torna-se o que se busca, o que falta e o que ainda mantém viva a consciência. O mesmo ocorre com Winston, que escreve não apenas para registrar, mas porque deseja o próprio ato de escrever, como se a escrita fosse a última forma de sentir. O discurso, interdito e raro, adquire valor afetivo e vital: desejar a palavra é o modo mais humano de resistir à ausência dela.

A partir dessa perspectiva, a literatura e a escrita, mesmo quando clandestinas, reafirmam o que Candido (1995) chama de função humanizadora da arte. Para o autor, a obra literária é capaz de organizar a confusão interior e de tornar o sujeito mais consciente de si e do outro. Assim, a palavra não é apenas um veículo de comunicação, mas um modo de existir. Quando Offred e Winston narram, eles resistem à desumanização imposta pela censura e pela vigilância. Suas vozes clandestinas resgatam a possibilidade de sentir, lembrar e imaginar. Escrever ou contar, nesse contexto, é a forma mais íntima de insurgência. A palavra devolve o que o poder tenta apagar, a consciência e a dignidade simbólica do indivíduo.

Ainda em seu diário, Winston registra que qualquer possibilidade de ruptura não virá daqueles presos à lógica do Partido, mas dos que permanecem fora dela. Sua anotação no diário revela essa aposta silenciosa “se há esperança, é nos proletas” (ORWELL, 2021, p. 79). Os proletas não foram completamente capturados pela linguagem oficial, tampouco pelo controle que molda cada gesto dos membros do Partido. Por viverem à margem das estruturas de vigilância e por preservarem expressões espontâneas, Winston os enxerga como o último resíduo de humanidade não disciplinada, capaz de armazenar um tipo de memória e de vida comum que o Partido ainda não destruiu. Portanto, eles simbolizam uma resistência que não se articula pela escrita, mas pela permanência de um cotidiano que escapa ao discurso totalitário.

Ao final, o diário assume valor de confissão e protesto. Escrever é o modo que Winston encontra de manter uma conversa muda com o mundo, de preservar a

¹⁸ Para Foucault, o discurso é também objeto do desejo, sendo algo que se busca, se disputa e se tenta controlar porque contém poder. (FOUCAULT, 1996)

lucidez em meio à mentira. O caderno transforma-se em refúgio simbólico, um lugar onde o sujeito ainda pode falar. O ato de escrever, embora pequeno e escondido, é sua maior forma de resistência. Assim como Offred em *O Conto da Aia*, Winston escreve para não desaparecer. A palavra, mesmo sendo vigiada e ameaçada, ainda guarda a possibilidade de liberdade.

3.2 LINGUAGEM NÃO VERBAL E SIMBÓLICA

No *Conto da Aia*, o poder se sustenta na transformação da linguagem em ritual. O cumprimento “Bendito seja o fruto” seguido da resposta “Que possa o Senhor abrir” funciona como forma de manter a submissão na aparência de fé (ATWOOD, 2021, p. 31). As palavras viram gestos automáticos de obediência e o discurso oficial existe para anular a expressão individual, mas nas brechas entre uma fala e outra ainda cabe resposta. O silêncio, o olhar e o gesto insinuam cumplicidade, e é nesse espaço pequeno e quase invisível que a linguagem recupera sua força. Em Gilead, resistir não é apenas enfrentar o poder, é continuar comunicando mesmo quando tudo se reduz a uma fórmula.

Offred observa que “tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define” (ATWOOD, 2021, p. 18). O corpo é marcado como texto e lido pelo olhar dos outros. Ainda assim, há consciência nesse ato de ver. O olhar de Offred não é passivo, ele interpreta. Quando afirma que “as tulipas não são tulipas de sangue” e “os sorrisos não são flores” (ATWOOD, 2021, p. 49), rompe o vínculo entre símbolo e verdade. A cor deixa de significar o que o regime deseja e passa a representar o que ela escolhe enxergar. O olhar se converte em ato de resistência, pois ver é reinterpretar o mundo que tenta se impor.

Percebe-se que o fingimento também fala. Ao observar Ofglen com a cabeça curvada, Offred suspeita que a companheira apenas finge rezar (ATWOOD, 2021). Fingir é usar o próprio código do poder para sobreviver. O corpo parece obedecer, mas guarda consciência. A oração encenada prova que a obediência pode ser só aparência. Dentro do teatro da fé existe lucidez. Fingir não é submissão, é controle sobre o que pode ser visto.

Essa compreensão do corpo como linguagem se aproxima da ideia de que os signos organizam a vida social. Saussure lembra que a língua é apenas uma parte

de um sistema mais amplo de significação que estrutura a experiência coletiva (SAUSSURE, 2006). Por isso, cores, gestos e rituais, apesar de não serem considerados língua pelo autor, também comunicam. O vermelho das Aias, o olhar contido, o fingimento de Ofglen tudo se torna código que pode ser lido ou distorcido pela consciência de Offred.

Offred aprende a ler e a distorcer esses sinais, transformando o que era imposição em sentido próprio. Cada gesto disfarçado e cada olhar consciente preservam o pensamento. Em Gilead o fingimento também é linguagem e é nele que a resistência continua a existir.

Em 1984 o poder se expande para além das palavras e domina o corpo, o olhar e os gestos. O controle da linguagem se torna também controle da expressão e o Partido transforma o corpo em extensão da disciplina e o olhar em vigilância. Mesmo nesse espaço tomado pela obediência, a comunicação silenciosa continua a existir. A resistência nasce em gestos mínimos, nas trocas de olhares e nos movimentos quase invisíveis que ainda conservam sentido.

O primeiro sinal dessa linguagem silenciosa aparece no encontro de olhares entre Winston e O'Brien durante os Dois Minutos de Ódio, os olhos dos dois se cruzam e algo se revela no silêncio, uma mensagem que Winston acredita compreender (ORWELL, 2021). Nenhuma palavra é dita, mas o olhar cria significado e por um instante a linguagem recupera sua dimensão humana, rompendo o isolamento imposto pelo medo. Esse gesto pequeno e contido, prova que o regime pode vigiar o corpo, mas não controla totalmente o ato de perceber.

A vigilância está em toda parte. "Até em uma moeda os olhos o perseguiram. Em moedas, em selos, em cartazes, em maços de cigarros, em todo lugar" (ORWELL, 2021, p. 34). O rosto do Grande Irmão substitui a palavra e se torna o idioma visual do poder. O Estado fala por meio da imagem e transforma o cotidiano em uma superfície de repetição. Cada objeto carrega o mesmo comando silencioso, que dispensa explicações. O olhar vira instrumento de dominação e mesmo assim, quando Winston percebe a insistência desse símbolo, rompe a naturalidade da imagem. Pois ver o abuso do olhar já é um modo de questionar sua autoridade.

O gesto de Júlia ao deixar cair o bilhete "Eu te amo" quebra por um momento essa lógica de obediência (ORWELL, 2021). Antes de abrir o papel Winston imagina possibilidades contrárias entre si, como denúncia, armadilha ou esperança. Essa

hesitação mostra o quanto a linguagem foi contaminada pelo medo, quando ele lê a frase curta e proibida encontra um sentido que o Partido tenta apagar. O bilhete funciona como uma palavra restaurada, um fragmento de vida que atravessa o regime e devolve a Winston a certeza de que ainda é capaz de sentir.

A figura de Júlia também revela essa contradição entre corpo e poder. Quando Winston a vê pela primeira vez, a faixa escarlate da Liga Juvenil Anti-sexo¹⁹ marca sua cintura e parece tanto um emblema de pureza quanto um traço de erotismo involuntário (ORWELL, 2021). O corpo feminino é transformado em propaganda e vigilância, usado para representar a negação do desejo enquanto o sugere. O gesto, aqui, é controlado e o símbolo reforça a presença do Partido sobre o corpo.

Mais a frente, ao arrancar essa mesma faixa e atirá-la contra a árvore, Júlia desfaz o emblema que a oprime e transforma o gesto em libertação (ORWELL, 2021). Esse gesto traz uma força simbólica clara ao negar o símbolo, ela recupera o corpo como espaço próprio. Quando tira do bolso a pequena barra de chocolate, insere no mesmo gesto a lembrança do prazer e do afeto. A cena se torna uma espécie de linguagem corporal da insubmissão em que o desejo se opõe à disciplina.

Nos encontros seguintes o corpo se torna o principal meio de comunicação. Cada olhar, cada movimento e cada palavra que pronunciavam era calculada com precisão. O que poderia ser espontâneo precisa ser planejado. O amor existe entre gestos contidos, aproximações controladas e longos silêncios. A dificuldade de estarem juntos espelha a censura que pesa sobre a fala. Ainda assim, nesses movimentos medidos, surge uma gramática própria. Os corpos criam signos de olhares e toques que escapam, ou tentam escapar do vocabulário do Partido.

Outro gesto silencioso que escapa à vigilância aparece no modo como Winston interpreta o olhar de O'Brien. Durante os Dois Minutos de Ódio, uma troca rápida de olhares entre os dois funciona como comunicação cifrada, como se algo fosse dito sem palavras. Winston percebe naquele olhar uma inteligência que “parecia ser alguém com quem se poderia conversar” e que talvez compartilhasse dúvidas semelhantes às suas (ORWELL, 2021, p. 18). Esse instante mostra que até mesmo o olhar pode se tornar linguagem de resistência, pois abre uma brecha de

¹⁹ Liga Juvenil Anti-Sexo: organização do Partido destinada a promover castidade e controle do desejo entre jovens. (ORWELL, 2021)

sentido onde o Partido só permite uniformidade emocional. A percepção desse gesto alimenta a esperança de que exista outra consciência possível, ainda que apenas intuída.

Em 1984 a linguagem não verbal e simbólica mostra que o poder pode controlar a fala, mas não apaga o desejo de comunicar. O olhar, o gesto e o toque formam uma linguagem paralela que sobrevive à censura e preserva o sentido da existência. A resistência de Winston e Júlia não está apenas no que dizem, mas no modo como continuam a significar o mundo com o corpo. Mesmo sob o olhar do Grande Irmão há instantes em que o corpo fala e nesses instantes o que é do humano resiste.

3.3 LINGUAGEM DO INCONSCIENTE, REMINISCÊNCIAS ²⁰E MEMÓRIA

Nas duas distopias, o poder não se contenta em controlar o que é dito, ele tenta ocupar o espaço do pensamento. Winston e Offred vivem sob regimes que sabem que quando a palavra é silenciada, é preciso dominar também o que se sonha e o que se recorda. É nesse território invisível entre o consciente e o inconsciente que a resistência se move. Quando toda fala é vigiada, lembrar ainda é uma forma de dizer.

Winston tenta voltar para um passado que já não existe. O esforço de lembrar é doloroso porque não há como saber se é a verdade, apenas imagens soltas, lampejos que o tempo não apagou completamente. Ele recorda fragmentos de infância, cenas sem contexto que emergem como tentativas do inconsciente de resgatar algo perdido (ORWELL, 2021). Nesse contexto, a lembrança da sua família e de sua mãe surge como um resquício de dignidade emocional, de um tempo em que o amor ainda significava sacrifício e não culpa.

A ausência de registros externos o faz perceber que a memória é tudo o que resta da realidade. Quando não se pode escrever, o passado desaparece lentamente, é possível perceber o esquecimento como método político (ORWELL,

²⁰ Bergson (1999) entende a reminiscência como a lembrança pura, independente do corpo e da ação imediata. É a memória que emerge do passado em seu estado integral, preservada na consciência e retomada por um esforço interior. Diferente do hábito, que é automático e ligado ao presente, a reminiscência é uma lembrança que se reconstrói ativamente e que revela a continuidade do eu.

2021). Até o sono se torna perigoso, pois nele o corpo fala o que a mente tenta calar e o medo de pronunciar palavras dormindo revela o alcance absurdo da vigilância.

A lembrança da ração de chocolate revela o conflito entre memória e discurso. Winston recorda com nitidez que o Partido havia anunciado a redução da ração para vinte gramas, no entanto, os alto-falantes comemoram um “aumento” para essa mesma quantidade. Essa contradição o atinge justamente porque ele próprio trabalha no Ministério da Verdade, onde falsifica notícias semelhantes diariamente. A cena aparece quando o narrador descreve que Winston “lembrava que no mesmo dia havia sido anunciada a diminuição da ração de chocolate para vinte gramas” (ORWELL, 2021, p. 48-49). No choque entre o que ele lembra e o que ele é obrigado a afirmar, a memória se converte em resistência. Guardar um detalhe tão pequeno, mas tão teimoso, é resistir ao apagamento completo do passado.

Essa tensão entre memória e consciência aparece de forma explícita quando Winston reflete sobre os pelotas, após uma confusão orgânica que acontece na rua “Até que elas se tornem conscientes, nunca vão se rebelar, e até depois de se rebelar, não podem se tornar conscientes” (ORWELL, 2021, p. 80). A frase expõe o núcleo psicológico do controle, porque sugere que a verdadeira ameaça ao Partido não está no gesto físico de revolta, mas no despertar interior que só pode nascer da lembrança. A consciência depende de memória, e é justamente essa ligação que o regime tenta corroer ao apagar registros, alterar fatos e produzir dúvida. Assim, resistir se torna também um esforço de manter viva a capacidade de recordar e interpretar, mesmo quando tudo ao redor opera para dissolver o passado.

E quando o olhar do Grande Irmão o invade, como uma força imensa que o reprime, o domínio já não é físico, mas psíquico (ORWELL, 2021). Nesse instante, Winston percebe que a vigilância deixou de ser um mecanismo externo e passou a habitar o próprio pensamento, instalando-se como dúvida e culpa. O inimigo está dentro, e resistir é continuar acreditando no que se viu, no que se sentiu, mesmo quando tudo ao redor insiste em impor outra verdade. A memória que insiste, mesmo frágil, torna-se sua última forma de afirmar que ainda há algo que o Partido não conseguiu tomar.

Essa tensão entre lembrar e duvidar também aparece quando Winston imagina a possibilidade de que algum vestígio do passado pudesse ter sobrevivido. Ao encontrar um rosto familiar em um bar em território dos proletas, ele se pergunta

se o controle do Partido seria menos absoluto caso um único pedaço de evidência tivesse escapado das chamadas. Ao pensar na fotografia que um dia existira, mas que agora não passava de lembrança incerta, Winston percebe que o regime não destrói apenas o registro, mas também as condições para que a memória permaneça estável (ORWELL, 2021). O que resta é apenas o esforço interior de acreditar no que viu, mesmo sem provas.

Em *O Conto da Aia*, o controle sobre o pensamento assume outra forma. Offred sabe que pensar demais é perigoso e por isso tenta racionar o pensamento como quem mede o ar que respira (ATWOOD, 2021). Ainda assim, lembranças retornam sem aviso, como se a memória fosse uma ferida que se recusa a cicatrizar.

Ela vê a filha em flashes, com as bonecas e o coelho de pelúcia, e tenta conter o choro, para não chorar na frente da Serena Joy, Offred reserva a noite para chorar. Em meio à escuridão, repete o próprio nome, o nome antigo, aquele que não existe mais nos registros. Ao pronunciá-lo, ela se lembra de si e de como era antes e de como os outros a viam (ATWOOD, 2021). Assim, recordar do próprio nome é afirmar que ainda há alguém dentro do corpo que o regime transformou em símbolo.

Um dos momentos mais reveladores dessa disputa entre memória e controle aparece quando Offred recorda as Beatitudes tocadas durante o almoço. Ela lembra que as Tias faziam todas ouvirem uma gravação repetida, mas com alterações discretas. A frase “bem-aventurados os que se calam” (ATWOOD, 2021, p. 113) soa familiar e ao mesmo tempo estranha. Offred sabe que esse trecho não fazia parte do texto original, sabe também que outras bem-aventuranças deveriam estar ali, mas já não consegue lembrar exatamente quais eram. O texto sagrado foi modificado para promover a censura e a obediência, principalmente das mulheres. A memória tenta reagir, mas encontra apenas fragmentos. Esse instante mostra como Gilead corrói o passado aos poucos, substituindo o que existia por versões limpas e silenciosas, onde o erro já soa natural.

Essa incerteza revela a violência simbólica que age dentro da mente. Offred percebe a alteração, mas não tem mais como verificar a verdade, pois o regime não destrói apenas o discurso, destrói também as condições para que a lembrança se mantenha íntegra. É nesse ponto que a opressão se torna mais profunda, porque age sobre a fronteira entre lembrar e duvidar. O que deveria oferecer sentido religioso acaba funcionando como evidência do apagamento. A dúvida de Offred é

uma forma de resistência, pois mesmo sem recuperar o texto completo ela ainda reconhece que algo foi tomado. A memória ferida continua tentando significar, e esse esforço interior é o que impede que o silêncio se torne absoluto.

A voz de Offred, que mais tarde será gravada e encontrada por outros, nasce desse mesmo impulso. Ela diz que “Gostaria de acreditar que isso é uma história que estou contando”, como quem tenta ordenar o próprio caos. Narrar é lembrar com intenção, é organizar a dor até que ela se torne fala. Talvez seja isso o que a mantém viva, a palavra que sobrevive mesmo quando ninguém escuta. Assim como o diário de Winston, essa voz é um abrigo contra o esquecimento. Quando a memória ganha forma de linguagem ela se transforma em presença, mesmo que ninguém a ouça, ela continua a existir, continua a falar e continua a resistir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparada de *1984* e *O Conto da Aia* permitiu compreender como a linguagem, em diferentes formas, se converte em instrumento central de dominação e também em espaço possível de resistência. Desde o início, o estudo buscava responder de que modo o controle do discurso e o silenciamento contribuem para a manutenção do poder nas duas distopias, e as leituras realizadas mostram que tanto Orwell quanto Atwood constroem mundos em que a palavra é moldada pelo medo, pela vigilância e pela disciplina dos corpos. A linguagem, em vez de mediadora da experiência humana, é transformada pelo Estado em técnica, ritual e ferramenta para moldar subjetividades.

Na obra de Orwell a destruição sistemática do vocabulário, a vigilância constante e a fabricação do passado mostram que controlar a palavra é controlar o pensamento. A *Novilíngua* não é apenas um projeto linguístico, mas um ataque direto às possibilidades do sentido. Já em *O Conto da Aia*, a proibição da leitura, a liturgia religiosa e os rituais que determinam o corpo feminino revelam uma lógica semelhante: quem controla o discurso controla também o desejo, a memória e o silêncio. Nas duas obras a dominação não se restringe às ordens explícitas, mas ela se inscreve nos objetos, nas roupas, nos gestos e até nos modos de olhar.

Apesar dessas pressões, a linguagem também aparece como aquilo que não pode ser totalmente apagado. Winston encontra, na escrita clandestina, uma forma

de preservar a lucidez, ainda que saiba que o gesto é perigoso. Offred resiste ao narrar, mesmo quando não dispõe de papel ou tinta, e transforma sua voz em registro e testemunho. Em ambos os casos, a palavra recupera a dimensão humana do sujeito, aquilo que Candido (1995) identifica como direito fundamental de fabular, imaginar e organizar a própria experiência. A memória e o inconsciente entram em cena como lugares onde o poder não alcança completamente, e é nesses espaços que o pensamento ainda consegue respirar.

Comparar as duas obras evidenciou que, embora construam distopias distintas, Orwell e Atwood convergem na percepção de que a linguagem é o campo primeiro e último do conflito político. Se o poder age sobre a palavra para disciplinar o corpo e o pensamento, a resistência se forma justamente nas frestas desse controle, seja pelo gesto mínimo, pela escrita escondida ou pela lembrança fragmentada. A linguagem se desloca entre força e fragilidade, instrumento e abrigo, mostrando que a subjetividade não desaparece totalmente, mesmo quando ameaçada.

Além de esclarecer os mecanismos de dominação nas duas distopias, o estudo ressaltou a importância de ler criticamente os discursos que nos cercam. A literatura, ao apresentar sociedades imaginárias levadas ao limite, permite perceber processos que se repetem na realidade, ainda que de forma menos evidente. Ao relacionar poder, linguagem e subjetividade, *1984* e *O Conto da Aia* lembram que a palavra continua sendo um dos poucos lugares onde o sujeito pode afirmar sua existência e resistir àquilo que tenta silenciá-lo.

Em um cenário contemporâneo marcado pela circulação acelerada de informações, pela disputa entre versões dos fatos e pela presença constante de tecnologias que monitoram discursos e comportamentos, as distopias de Orwell e Atwood continuam a oferecer ferramentas importantes para pensar as tensões que atravessam nosso dia a dia. A manipulação de discursos, o controle da memória pública e a produção de silêncios não pertencem apenas ao terreno da ficção, elas são questões que permanecem no centro de debates atuais sobre censura, desinformação e liberdade de expressão. Revisitar essas obras permite reconhecer como a literatura ilumina processos que se repetem em outras escalas e contextos, reforçando a necessidade de uma leitura crítica que considere o papel da linguagem na preservação e na perda da autonomia individual.

Dessa forma, o objetivo proposto neste trabalho foi alcançado, que era analisar como a linguagem funciona como exercício de poder e também como possibilidade de resistência nos dois romances. A reflexão aqui desenvolvida busca contribuir para a compreensão da literatura distópica e reforçar seu valor como instrumento de leitura crítica da realidade. Em tempos em que discursos são manipulados e liberdades parecem instáveis, voltar a Orwell e Atwood não significa apenas revisitar ficções, mas reconhecer, pela via da literatura, o papel fundamental da palavra na construção e na preservação da experiência humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. O conto da aia. Tradução de Ana Deiró. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

KURTZ, Fabiana Diniz. Unidade 1: Metodologias e fundamentos da pesquisa em Educação. Ijuí: UNIJUÍ, 2023.

ORWELL, George. 1984. Tradução de Karla Lima. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
SUL - UNIJUI**

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No 1o dia do mês de dezembro de 2025, às 14 horas reuniu-se, na sala virtual do Google Meet meet.google.com/vqu-whdd-sav a Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso, constituída pelo(a) professor(a) orientador(a) **Dr. Anderson Amaral de Oliveira** pelo(a) professor(a) componente da Banca **Ma. Fernanda Trein** e o(a) aluno(a) **Douglas Pettorini Santos** que fez o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC intitulado “**LINGUAGEM E PODER NAS DISTOPIAS DE ORWELL E ATWOOD: CONTROLE E RESISTÊNCIA**”, obtendo as seguintes notas:

a) do(a) professor(a) orientador(a):

Defesa e apresentação oral (40 pontos): 40 (quarenta pontos)

Trabalho escrito (60 pontos): 60 (sessenta pontos)

Total de pontos: 100 (cem pontos)

b) do(a) professor(a) componente da Banca:

Defesa e apresentação oral (40 pontos): 40 (quarenta pontos)

Trabalho escrito (60 pontos): 60 (sessenta pontos)

Total de pontos: 100 (cem pontos)

Obtendo a média final 100 (cem pontos) e o seguinte parecer da banca:

O texto apresenta inovação temática e profundidade analítica atingindo os objetivos propostos. Recomenda-se que sejam realizados os ajustes apontados para versão final. Sugere-se que o texto seja submetido à publicação em periódicos da área.

O(a) estudante, por meio desta ata, declara que ingressou na sala virtual do Google Meet para a realização da referida apresentação, em conformidade com as exigências legais de presencialidade.

Nada mais havendo a constar, lavrou-se a presente ata, que será assinada pelos professores examinadores e pelo(a) aluno(a).

Ijuí, RS, 01 de dezembro de 2025



Anderson Amaral de Oliveira

Anderson Amaral de Oliveira

Assinatura Eletrônica

Douglas Pettorini Santos

Douglas Pettorini Santos

CPF: 041.280.180-90

Douglas Pettorini Santos

Fernanda Trein

Fernanda Trein

